



Como Um Escritor É Lido? Sobre a Apropriação de Elias Canetti pelas universidades brasileiras¹

RODRIGO MATOS DE SOUZA², OBS³

Resumo

Este trabalho pretende abordar os movimentos recepcionais das obras de Elias Canetti no Brasil, e seus processos de apropriação pelas Humanidades ora como objeto, ora como referencial teórico, ora como ilustração, reportando a importante contribuição de seus escritos autobiográficos como campo de estudo dos processos (auto)formativos. Do ponto de vista metodológico, para a elaboração deste artigo, foi desenvolvido um levantamento das entradas de nosso autor nos principais bancos de dados nacionais, este levantamento foi organizado tendo em vista as categorias de *Apropriação Incidental*, *Apropriação Conceitual Tópica*, *Apropriação do Modo de Trabalho* e *Apropriação de Conteúdo*. Em sua faceta teórica este artigo se aproxima do conceito chartieriano de apropriação, que procura lançar uma luz aos processos pelos quais os sentidos são produzidos e, em seguida, apropriados nas Humanidades. No caso específico de Canetti, é a que nos permite ver como este autor foi e está sendo lido nos espaços acadêmicos brasileiros, apontando os modos como os textos canettianos estão sendo lidos, utilizados como categorias de análise ou funcionado como operadores para interpretações no campo das artes, da literatura, das ciências humanas e da educação.

Palavras-Chave: Pesquisa Autobiográfica, Elias Canetti, Apropriação, Recepção.

Abstract

As a writer is read? About Appropriation of Elias Canetti by Brazilian universities

This research article addresses the flow of readers' reception of Elias Canetti's work in Brazil and its appropriation processes by Human Sciences be it as an object of study, as a theoretical framework, or as an illustration, revealing the important contribution of his autobiographical writings as a

1 Recibido: 12 de octubre de 2014. Aceptado: 13 de diciembre de 2014.

2 Rodrigo Matos de Souza. Doutorando em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, com estágio de doutoramento pela universidade de São Paulo (Brasil) e pela Universidade de Sevilla (Espanha). Doctorando en Educación y Universidad Contemporánea Estado de Bahía, con etapa de doctorado por la Universidad de São Paulo (Brasil) y la Universidad de Sevilla (España). Correo electrónico: rodrigomatos28@hotmail.com

3 Uma primeira versão deste texto foi apresentado como comunicação de pesquisa no VIº Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica, com o título Movimentos de Recepção: sobre a apropriação de Elias Canetti no Brasil.

field of study on (self-)formation processes. In regards to methodology, in order to produce this research article a survey of entries on this author was conducted on the main national databases. This survey was undertaken focusing on categories like Incidental Appropriation, Topic Conceptual Appropriation, Work Method Appropriation, and Content Appropriation. In its theoretical aspect this research article approaches the Charterian concept of appropriation, which intends to shed a light on the processes through which meanings are unfolded and, subsequently, appropriated by Human Sciences. In this particular case involving Canetti, this concept allows us to see how the author was and is being read in Brazilian academic milieus, indicating the ways that Canetti's texts are being read and used as analysis categories or functioning as facilitators for interpretation in areas such as the Arts, Literature, Human Sciences and Education.

Keywords: Autobiographical Research, Elias Canetti, Appropriation, Reception, Readers Reception.

Elias Canetti nasceu em 1905, na cidade de Ruschuk, hoje Ruse, na região nordeste da Bulgária, a 300 km da Capital Sófia, no lado direito do rio Danúbio, na fronteira com a Romênia. Viveu em Londres, Viena, Frankfurt e Zurique se reduzirmos bastante o trânsito transnacional desse sujeito para quem o termo cosmopolita se justifica. Judeu sefardita⁴, teve como idioma materno o Ladino⁵, sendo o búlgaro sua segunda língua e o alemão sua língua de expressão intelectual, dentre outros idiomas que aprenderá nos 32 anos cobertos por seus textos autobiográficos: *A Língua Absolvida* (2010a), *Uma Luz em Meu Ouvido* (2010b), *O Jogo dos Olhos* (2010c). Morreu em Zurique em 1994, treze anos após ser laureado com o prêmio Nobel de literatura.

A recepção dos textos de Elias Canetti no Brasil se dá por conta das traduções⁶ desenvolvidas por ocasião de sua premiação com o Nobel em 1981, um fenômeno pós-Nobel como nos diz Irene Aron (1994a). Entre 1982 e 1990 são publicados os livros *Auto-de-fé* (em 1982, editado originalmente pela Nova Fronteira e atualmente pela CosacNaify), *Massa e Poder* (em 1983, editado originalmente pela EdUNB/Melhoramentos e atualmente pela Companhia das Letras), *A Língua Absolvida* (primeiro volume de sua trilogia autobiográfica, em 1987, pela Companhia das Letras que, junto com os outros dois volumes de sua trilogia autobiográfica, encontra-se atualmente em sua coleção de bolso, a Companhia de Bolso), *As Vozes de Marrakech* (em 1987, pela Editora L&PM e atualmente pela

4 Os sefarditas foram os judeus expulsos da península ibérica no final do século XV, que se dispersaram por toda Europa e América, mas, sobretudo, encontraram acolhida no Império Otomano, ao qual pertencia a Bulgária até 1908, quando proclamou sua independência (KENIG, 1995; BRAVO, 2012).

5 Idioma dos sefarditas em diáspora, muito semelhante ao Castelhana, cujo vocabulário se completava pelo uso de palavras francesas, turcas, romenas, alemãs entre outros idiomas, porém ladinizadas.

6 Seus nove tradutores no Brasil são Markus Lasch (Festa sob as Bombas), Kristina Michahelles (Sobre os Escritores), Rita Rios (Sobre a Morte), Samuel Titan Jr (Vozes de Marrakech – CosacNaify, Hebel e Kafka), Marijane Lisboa (Vozes de Marrakech – L&PM), Ruth Röhl (Canetti: o teatro terrível), Sérgio Telarolli (Massa e Poder, Jogo dos Olhos), Kurt Jahn (A Língua Absolvida, Uma Luz em Meu Ouvido) e Herbert Caro (Auto-de-fé - Nova Fronteira e CosacNaify-, O Outro Processo: As cartas de Kafka a Felice e A Consciência das Palavras, este último com Márcio Suzuki).



CosacNaify), *Uma Luz em Meu Ouvido* (segundo volume de sua trilogia autobiográfica, em 1988, pela Companhia das Letras e atualmente pelo selo Companhia de Bolso), *O Outro Processo: As cartas de Kafka a Felice* (em 1988, pela editora Espaço e Tempo, esgotado e sem reedição, mas presente em *A Consciência das Palavras* como capítulo), *O Todo-Ouvidos* (em 1989, pela editora Espaço e Tempo, também sem reedição), *A Consciência das Palavras* (em 1990, pela Companhia das Letras, atualmente em sua coleção de bolso) e *O Jogo dos Olhos* (último volume de sua trilogia autobiográfica, em 1990, pela Companhia das Letras e atualmente pela Companhia de Bolso).

Após um interregno de uma década sem novos eventos editoriais, ocorre a publicação da coletânea *Canetti: o teatro terrível* (em 2000, pela editora Perspectiva), com três peças do autor: *O Casamento*, *Comédia da Vaidade* e *Os que têm Hora Marcada*; e no ano de 2009 ocorre a publicação de três títulos do autor: *Festa Sob as Bombas* e *Sobre a Morte* (ambos editados pela Editora Estação Liberdade) e *Sobre os Escritores* (Editora José Olympio). Além de seus livros houve, isoladamente, no Cadernos CEBRAP, nº. 72, de 2005, a publicação da conferência *Hebel e Kafka*, proferida por ocasião do recebimento do prêmio Johann Peter Hebel e publicada como adendo a *O Almanaque de Johann Peter Hebel* (2005).

Nos anos de 1980 Canetti foi inicialmente publicado pela Nova Fronteira, editora pertencente ao grupo Ediouro, que fez as primeiras edições de *Auto-de-fé* no início da década (a tradução feita por Herbert Caro é a mesma reeditada pela CosacNaify recentemente); pela L&PM, editora contracultural do fim dos anos 1970, depois convertida em importante editora de livros de bolso; pela Espaço e Tempo, pequena editora carioca de produção não contínua, recentemente fundida com a Garamond; e a EdUNB/Melhoramentos, parceria da Editora da Universidade de Brasília com a distribuidora e editora de livros didáticos

Melhoramentos. Os quatro grupos editoriais perderam direitos de publicação, que foram adquiridos por outras editoras (é o caso de *Vozes de Marrakech*, *Auto-de-fé* e *O Outro Processo: Cartas de Kafka a Felice*) ou mudaram seu ramo editorial, como a Espaço e Tempo, passando a ocupar-se de publicações mais rentáveis comercialmente. *O Todo-Ouvidos* não despertou novo interesse editorial (e comercial) e permanece esgotado.

Dentre as atuais casas editoriais de Canetti no Brasil estão desde a prestigiosa Companhia das Letras; a CosacNaify, editora de volumes luxuosos e caros, com ampla distribuição nacional; e a Estação Liberdade, pequena editora paulista, com distribuição incerta, mas com edição cuidadosa; e a Perspectiva, importante editora acadêmica, uma das poucas editoras comerciais a ter um conselho editorial formado por professores universitários.

A diferença na inscrição editorial de suas obras no país está marcada pela edição de uma conferência na revista do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), muito conhecido por ser fundado por intelectuais da Universidade de São Paulo por ocasião de seus “jubilamentos” compulsórios pelo regime ditatorial instalado no país a partir de 1964. É uma edição caracterizada pelo não interesse comercial pela obra, já que se trata de uma revista de divulgação científica e por seu texto servir de ilustração ao comentário e tradução feitos por Samuel Titan Jr de um texto de Hebel.

A partir deste pequeno sobrevoo sobre a edição de Canetti no Brasil podemos perceber como seus textos foram desde o momento de sua “descoberta” pós-Nobel, publicados com frequência e qualidade, tanto seus textos mais célebres como conferências e ensaios obscuros, o que permitiu sua leitura por várias gerações e regiões do país, notadamente, com certa vantagem para aqueles localizados nos estados do sudeste, sul e da capital federal, beneficiados pela concentração



das editoras em seus estados e pela distribuição sem maiores entraves para as livrarias – fato só minimizado após o surgimento do comércio eletrônico de livros. Mas isto não significa dizer que ele seja bem editado, como ocorre na Espanha, na Alemanha e nos Estados Unidos, onde existem edições completas do autor ora em estudo.

A localização histórica da recepção de Elias Canetti no Brasil não destoa de sua recepção no restante do mundo, que só se popularizou por causa de sua láurea pela Academia Sueca, como anota Irene Aron (1994) em seu artigo sobre o autor, no qual indica como a recepção dele ao redor do mundo sempre foi difícil, com muitos revezes, e mesmo em língua alemã o autor só era reconhecido pelo que havia escrito até 1938, um romance, *Auto-de-Fé* (1982) e as peças de teatro *O Casamento* e *Comédia da Vaidade* (2000), recebidos de forma negativa e reticentes como as críticas dirigidas a ele por Hans Magnus Eisenberger e Marcel Reich-Ranick, que qualificaram o livro *Auto-de-Fé* como insuportável e monstruoso (*apud* ARON, 1994, p. 157).

Se, parte de seu desconhecimento pode ser creditado à dificuldade imediata que seus livros podem despertar num leitor neófito, à sua conhecida reclusão e modéstia – no sentido de não buscar o espaço da autopromoção e deixar que seus livros falem por ele. Outra parte, muito significativa, pode ser creditada à consciência dos efeitos que seus escritos, sobretudo suas autobiografias, poderiam provocar nos personagens ali retratados, além de retardar ao máximo a publicação de seus escritos autobiográficos, até o ponto em que três deles recebessem dedicatórias póstumas nos três volumes de suas memórias (ao irmão mais novo e as suas duas esposas), proibiu a publicação imediatamente após seu falecimento de seus diários e espólio intelectual, que só serão abertos em 2024, trinta anos após sua morte (OJEDA, 2012); e proibiu a publicação de sua autobiografia no Reino Unido, mesmo após sua consagração com

o prêmio *Nobel* de literatura (THE ECONOMIST, 31 de março de 1982) – quem leu *A Língua Absolvida* sabe que não é elogiosa sua relação com o lado “inglês” da família, cujos retratos são coloridos pelo rancor – e seu editor americano, à época, em resposta aos questionamentos da revista diz: “Canetti não quer sua autobiografia publicada na Grã-Bretanha. Ele não vai falar sobre isso, mas não quer isto, e isto é definitivo” (THE ECONOMIST, 31 de março de 1982).

Retomando o objetivo central deste artigo, no Brasil, a leitura de nosso autor aumenta conforme suas edições vão se tornando frequentes e o interesse acadêmico por seus textos, mesmo que modesto, apresenta um panorama de como ele foi – ou pode – ser lido nas últimas décadas nas universidades brasileiras. Para a elaboração deste artigo foi desenvolvido um levantamento das entradas⁸ de nosso autor nos principais bancos de dados nacionais⁹, este levantamento foi organizado

7 “Canetti does not want his autobiography published in Britain. He will not talk about it, but he does not want it and that is final” [Tradução Nossa]. Devo este fragmento, e mais um outro, da revista *The Economist*, ao leitor K. Liepmann que, diligentemente, guardou-os em seu volume de *Die Fackel Im Ohr* (1980), que pude (re) encontrar num sebo paulistano em 2012.

8 Foram utilizados os seguintes descritores: Canetti, Elias Canetti, Veza Canetti, Musil, James Joyce, Karl Kraus, Hermann Broch, Língua Absolvida, Jogo dos Olhos, Uma luz em meu ouvido, romance de formação, *bildungsroman*, romance autobiográfico, autobiografia, Canetti Bulgária, Canetti Massa, Canetti Metamorfose, Canetti Kafka, Canetti autobiografia, Canetti literatura alemã, memória de leitura e combinações entre estes descritores.

9 O Levantamento foi feito na biblioteca da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), no acervo da CCS/EDUSP, no Banco de Teses da CAPES, no sistema BIBinet USP, no Catálogo Athena da Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho (UNESP), no portal SBU Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), na Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), no banco de teses da



em um quadro orientado pelas categorias desenvolvidas por Catani, Catani e Pereira (2001), que procuraram compreender as diversas formas de apropriação de Pierre Bourdieu no Brasil, acrescentada de uma categoria construída tendo em vista a especificidade deste trabalho.

Por apropriação, no contexto deste artigo, e distanciando-me um pouco do conceito de apropriação hermenêutico, para a qual apropriação é uma forma de compreensão de si a partir do texto (RICOEUR, 2011, p.64) e - de forma não excludente do que já foi dito, antes atuando de forma complementar – exclusivamente na execução deste levantamento, tomarei o conceito desenvolvido por Roger Chartier (1990) como norte, quando afirma que:

A apropriação, tal como a entendemos, tem por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem. Conceder deste modo atenção às condições e aos processos que, muito concretamente, determinam as operações de construção de sentido (na relação de leitura, mas em muitas outras também) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que as inteligências não são desencarnadas, e, contra as correntes de pensamento que postulam o universal, que as categorias aparentemente mais invariáveis devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas (CHARTIER, 1990, p. 26-7).

PUC-Rio, no portal Scielo, no portal Pepsic, nos anais da ABRALIC, nos anais da ANPOLL, nos anais da ABRAPLIP, no anais da ANPED, nos anais da ANPUH, no indexador da Plataforma SEER, Periódicos CAPES, na plataforma SEER da Revista Brasileira de História da Educação, na Biblioteca da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), na Biblioteca da Universidade Federal da Bahia (UFBA); e no *Katalog der Bibliotheken* do Goethe-Institut do Brasil. No período de setembro de 2012 a maio de 2013.

A apropriação que nos interessa ressaltar é a que nos permite ver como este autor foi e está sendo lido nos espaços acadêmicos brasileiros, por isso procuraremos apontar os modos como os textos canettianos estão sendo lidos, utilizados como categorias de análise ou funcionado como operadores para interpretações no campo das artes, da literatura, das ciências humanas e da educação.

Foram levantados 41 (quarenta e um) textos nos quais aparecem citados os trabalhos de Canetti em maior ou menor intensidade. Desse total 8 (oito) são artigos, 8 (oito) comunicações em congressos, encontros e colóquios, 14 teses de doutoramento e 11 dissertações de mestrado. A instituição brasileira em que nosso autor foi mais estudado é a Universidade de São Paulo, responsável por 20 (vinte) trabalhos desenvolvidos, entre artigos, comunicações, teses e dissertações. O que se explica pelo fato da edição dos textos de nosso autor, bem como sua circulação, nos primeiros anos de sua publicação nacional, estar circunscrito geograficamente ao sudeste do país, centralizando assim seu estudo na maior e mais influente universidade da região.

Do estudo de Catani, Catani e Pereira (2001, p 65) emergem três das categorias utilizadas no desenvolvimento deste artigo: *Apropriação Incidental* (AI), *Apropriação Conceitual Tópica* (ACT), *Apropriação do Modo de Trabalho* (AMT). Elaboro, também, para o desenvolvimento do trabalho com Elias Canetti mais uma categoria, a *Apropriação de Conteúdo* (AC), cuja explicação encontra-se mais abaixo.

A *Apropriação Incidental* se caracteriza por apresentar referências rápidas ao texto do autor, por arrolamento de seus títulos nas referências bibliográficas, sem citação no corpo do texto; e por menção em nota de rodapé explicativa ou em meio a outros autores que eventualmente se ocupem da mesma temática. “Nas apropriações incidentais não é possível estabelecer relação entre a argumentação



empreendida no texto e a referência, ou então a menção guarda relação muito tênue com o argumento desenvolvido” (CATANI; CATANI; PEREIRA, 2001, p. 65) Dos textos classificados 48,7% integram esta categoria.

A *Apropriação Conceitual Tópica* caracteriza-se pelo uso pontual de citações ou conceitos do autor para validar argumentações e o desenvolvimento de algum resultado, ampliando o quadro de referência do estudo desenvolvido. Dos textos classificados 24,3% estão sistematizados nesta categoria.

A *Apropriação do Modo de Trabalho* caracteriza-se por formas de apropriação mais complexas que apontem o uso de metodologias, noções e conceitos do autor, de forma sistemática, como no caso do conceito de massa utilizado em dois textos identificados nesta categoria, perfazendo o percentual de 4,8% do total de textos levantados.

A *Apropriação de Conteúdo*, a única categoria desenvolvida especialmente para este estudo, integram os textos que utilizam a obra de nosso autor como objeto de pesquisa, apropriando-se não apenas de conceitos, mas do próprio material escrito para desenvolver análises textuais, culturais, sociológicas, psicológicas, políticas e educacionais. Dos textos levantados 21,9% enquadram-se nesta categoria.

Os trabalhos identificados na categoria *Apropriação Incidental* (AI) apresentam, por sua natureza pragmática e pontual, pouco material para o trabalho de análise. Aparecem, quase sempre, em notas de rodapé, em enumerações de autores que trabalham temas comuns ou pontualmente como alusão a algum conceito abordado, mas que não será objeto de estudo corrente pelo autor do texto. Figuram como uma espécie de prestação de contas, na qual se informa aos leitores que determinada leitura sobre determinado tema foi feita, porém não será usado de forma extensa no desenvolvimento do relatório/ensaio/artigo/comunicação do estudo.

Uma dificuldade na construção deste tipo de categoria é que, como os textos citados não possuem representatividade no corpo da produção, acabam por não entrar no resumo, dificultando sua identificação junto aos indexadores de pesquisa, buscadores, arquivos e bibliotecas. É preciso entrar no trabalho e procurar a partir de algum indício, quase sempre, de forma derivada (em artigos resultantes de teses e dissertações) ou insistindo em categorias alternativas àquelas pretendidas inicialmente. É um trabalho de insistência.

Dos textos levantados sob o signo da *Apropriação Incidental*, a maioria, apresenta um interesse pontual por *Massa e Poder*, seja em trabalhos que abordem a questão do trabalho operário e a repressão no período da Era Vargas; seja em um debate sobre estética e filosofia, o que aponta os extremos de tratamento possíveis dos estudos políticos de Canetti. Há, também, citações de *A Língua Absolvida*, *A Consciência das Palavras* – em uma edição alemã, *O Outro Processo: cartas de Kafka a Felice, Auto-de-Fé, Uma luz em meu Ouvido e Vozes de Marrakech*.

Um elemento que foge a este contexto de uso das citações pode ser encontrado em duas comunicações que não citam nenhum texto do autor, mas mencionam-no em meio a outros autores que experimentaram a migração como fenômeno de seu tempo, ou que foram impelidos a diáspora por conta de sua condição judaica (AGUSTIN, 2008; RAONI, 2008), como no trecho a seguir:

Isso pode ser identificado no envolvimento que levou o povo judeu a traduzir suas tradições religiosas e éticas, mediante a criação de gêneros textuais, os quais revelam a pluralidade de faces assumidas pela identidade judaica ao longo dos últimos dois mil anos: A Bíblia, comentários teológicos e filosóficos sobre a fé hebraica, a Cabala, narrativas épicas, poesia sacra e profana. Com base nessa identidade cultural, sintomatizada em



vários gêneros textuais, inúmeros escritores criativos judeus deram valiosas contribuições às várias literaturas dos diferentes países em que foram acolhidos em meio à Diáspora, nos quais nasceram e construíram suas existências. Assim, torna-se oportuno mencionar autores judeus significativos como Heine, Franz Kafka, Samuel Usque, Philip Roth, Primo Levy, Bellow, Malamud, Wasserman, Babel, Agnon, Aguinis, Bashevis Singer, Elias Canetti, Moacyr Scliar, Samuel Rawett, Clarice Lispector, dentre outros (RAONI, 2008, p.2).

Talvez, mais do que qualquer outra apropriação intelectual da obra de Canetti seja o fato deste ser percebido como sujeito de algum lugar, mesmo que este "lugar" seja o transitório entrelugar da diáspora judaica pelo mundo, que torne a menção dele em meio a outros autores de expressão judaica importante, já que este viveu toda uma vida de trânsito pelas nacionalidades, convertendo-se em um sujeito das cidades por que passou, que pertenceu mais a Zurique, a Viena, a Londres que a seus respectivos estados-nação. De sujeito que viveu a margem da nação e se inscreveu na *Nation* (BHABHA, 2010, p. 385) dos exilados deliberadamente. É uma forma de começar a localizar o sujeito que, se não pertencer a algum lugar, pode desaparecer.

Os textos reunidos sob a etiqueta da *Apropriação Conceitual Tópica* (ACT) formam um conjunto bem significativo do processo de apropriação de Canetti nas universidades brasileiras, apresentando o uso de conceitos e representações desenvolvidas pelo autor em cinco de suas obras mais conhecidas: *A Língua Absolvida*, *O Outro Processo: cartas de Kafka a Felice*, *Vozes de Marrakech*, *Massa e Poder* e *A Consciência das Palavras*. E ampliam as investidas sobre a produção canettiana para além do mero arrolamento ou do uso pontual, inserindo-o como elemento de análise dos produtos acadêmicos desenvolvidos, seja dissertação, tese ou

comunicação. Abordarei as produções de acordo com a sua concentração em uma determinada obra, dentre as mencionadas acima neste mesmo parágrafo.

O texto *A Língua Absolvida* aparece em lugar familiar para o trabalho com este título de Canetti no Brasil, A Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), pois este livro é objeto de trabalho nesta faculdade há quase três décadas, e orbita a atuação de docentes que, de alguma maneira, foram influenciados pela escrita de Denice Catani sobre o autor, em seu artigo *Pedagogia e Museificação* (1990-1991), texto inaugural do interesse canettiano no país.

Aguiar (2010) inicia sua abordagem do texto canettiano, justamente, falando da proposição de leitura do livro numa disciplina da FEUSP

No início dos anos 90 do século passado, durante o meu curso de licenciatura em Língua Portuguesa, na Faculdade de Educação da USP, ouvi falar pela primeira vez de um livro chamado A Língua Absolvida, de Elias Canetti, um escritor búlgaro que passou um período de sua adolescência na Suíça por conta da Primeira Guerra Mundial. O título era maravilhoso e causava em mim qualquer coisa de profundo, mágico, trágico. Tanto que rapidamente fui buscar um exemplar na biblioteca da faculdade e passei a percorrer suas páginas com uma curiosidade faminta, desejosa de palavras que o livro tinha a me presentear.

Descobri, então, que se tratava de um texto autobiográfico. E seu teor revelava a intensa relação de amor que o autor nutre com a sua língua (materna?). Mas não só. A questão é que não sabia dizer o que havia a mais; só que isso não tinha importância. A Língua Absolvida de Canetti tinha marcado a minha própria língua e isso me bastava como leitora naquele momento (p. 258).



É importante ressaltar que este relato de leitura não é fruto de um memorial inicial da tese, mas como um **introito aos resultados** de sua pesquisa de doutoramento, nos quais se debate as representações do menino autor epistolar como exemplos da escrita escolar e da condição autoral neste contexto, no qual são tecidas críticas aos processos escolarizantes que retiram do sujeito a possibilidade de experimentar, a não ser pela leitura da experiência de outrem (é um excesso, no qual a autora força por demais as situações vividas por Canetti, a maioria delas não aprendidas nem incentivadas pela escola, como processos vividos no ambiente escolar. É o caso das cartas escritas à mãe ou dos interesses literários e estéticos, muito mais fruto de sua relação com as moradoras de sua pensão, de descobertas individuais e do legado parental).

O título *O Outro Processo: cartas de Kafka a Felice* aparece também em um único e óbvio uso na comunicação *Linguagem, Pensamento, Escrita e Existência – um breve estudo sobre as narrativas animalistas de Kafka* (ALMEIDA, 2013), no qual se discute a questão da fala, da linguagem e do pensamento na relação entre os sujeitos e a influência destes processos na construção das identidades. Kafka é o pano de fundo para este debate. Curiosamente, apesar de inscrever esta abordagem sob o signo da *Apropriação Conceitual Tópica*, preciso alertar o leitor de que há certa arbitrariedade nesta classificação, pois a autora utiliza Canetti mais como *apud*, do que como objeto conceitual a ser trabalhado em seu estudo. No entanto, o mantive aqui por perceber que quase todas as citações indiretas do texto de Kafka apontavam, antes ou depois de sua inserção textual, para uma indicação de como nosso autor leu o autor de *A Metamorfose* a partir de suas epístolas à sua pretendente, Felice Bauer.

De modo diferente do apresentado na categoria *Apropriação Incidental*, quando apareciam em enumerações, as citações de *Massa e Poder* aparecem agora de

forma mais extensas e com localizações precisas de seu uso como elemento de comparação com outros autores que trabalharam nas Ciências Humanas, com os conceitos chave presentes no título canettiano. Diferente das abordagens anteriores, estas revelam certa localização e descaracterização do projeto canettiano de crítica à manipulação dos coletivos humanos, como sendo um projeto menor, seja na comparação com teóricos de ofício, que dedicaram mais de uma obra e a própria carreira ao conceito de Poder, como no caso de Michel Foucault (RIBEIRO, 2000). Ou no caso mais evidente de descaracterização do projeto canettiano, a tentativa feita por Gustavo Oliveira (2010, p. 12) de trabalhar Canetti em termos opostos aos estudos dos comportamentos coletivos, da psicologia, que ele acredita ser imaginativo, pouco sistemático e não muito bem documentado, ignorando o caráter ensaístico do texto *Massa e Poder* (2011).

Já a abordagem feita do texto *Vozes de Marrakech* pelos dois textos identificados, *A Propaganda Política do Islamismo Xiita* (GAULAND, 2007) e *Aprender pela Arte a Arte de Narrar: educação estética e artística na formação de contadores de histórias* (ROCHA, 2010), ambas teses de doutoramento na Escola de Comunicações e Arte da USP, apontam usos distintos do mesmo receituário. Gauland (2007) utiliza das imagens construídas pelo autor viajante em sua estadia num país de cultura islâmica – o Marrocos – para discutir a representação orientalista construída no ocidente, que circunscreve territorialmente o outro, indicando-lhe o lugar de pertencimento ao exótico, ao diferente de “nós”, sistematizado por Edward W. Said em *O Orientalismo* (1990). E o texto de Rocha (2010) que, tomando as imagens dos contadores beduínos do deserto marroquino, propõe uma aproximação identificadora com fenômeno semelhante em todo o mundo, que é do contador público de história, este que frequenta as feiras nas periferias de todo



globo, de Cabul a Caruaru, e que começa a se tornar raro.

Enfim, a discussão da categoria *Apropriação Conceitual Tópica* pode ser fechada com a identificação de quatro textos que fazem uso do volume de artigos, conferências e ensaios *A Consciência das Palavras*, a saber, Santana (2008) que debate o texto de Canetti a partir dos estudos de Cláudio Magris; Ardans-Bonifacino (1996; 2001), que aborda juntamente com a leitura de Massa e Poder (2011) o conceito de Metamorfose; e Fantin (2008) que o aborda no debate sobre a narrativa. É importante ressaltar que estas quatro apropriações tem como objeto de trabalho uma mesma conferência, *O Ofício do Poeta*.

A categoria *Apropriação do Modo de trabalho*, pretende evidenciar “apropriações reveladoras da utilização sistemática de noções e conceitos do autor [...], bem como mostram preocupação central com o *modus operandi* da teoria” (CATANI; CATANI; PEREIRA, 2001, p. 65), foram identificados apenas dois textos: a dissertação *Massa e Humanização: de Canetti a Sloterdijk* (MARTINS, 2009) e a tese *Povo, Massa e Multidões nos Contratos de Comunicação do Jornal Última Hora* (PASSOS, 2009).

Para Martins (2009) a comparação de Canetti a Sloterdijk provoca o contraste de suas concepções de Massa distintas, as quais ele qualifica como homogênea, monocolorida, negro para ser fiel à dissertação, desenvolvida por Canetti em seu livro; e uma concepção mais líquida, uma aglomeração mais colorida e pós-moderna, defendida, segundo ele, por Sloterdijk (MARTINS, 2009, p. 17-40).

Já o texto de Passos (2009, p. 71-108) faz um resumo do conceito de Massa presente no livro de Canetti e seus desdobramentos explicativos, servindo-se aqui e acolá do auxílio de textos de Antonio Negri e Gabriel Tarde na caracterização dos eventos de massa na contemporaneidade e sua expressão no jornalismo impresso do jornal Última Hora.

Ambos os textos utilizam o conceito de massa canettiano, não ultrapassam este uso que, mesmo extenso, não se expande para outros livros nos quais o conceito é comentado, resumido, apreciado pelo autor (CANETTI, 2008; 2010b; 2010c; 2011; 2013), configurando-se de fato um modo de apropriação apenas do conceito de massa, observando, no coitejo com outros e na contraposição com perspectivas contemporâneas do estudo, a pertinência do conceito canettiano para os estudos das multidões humanas nos tempos hodiernos.

Os textos aglutinados sob a categoria *Apropriação de Conteúdo* dizem respeito a estudos sistemáticos dedicados ao autor, uma de suas obras ou conjunto de obras, cujo produto final deixa entrever mais do que uma resenha ou resumo do autor, mas sua inserção como filtro de análise de problemas sociais, culturais, filosóficos, estéticos, políticos e educacionais. Este tipo de estudo, muito comum em campos como a filosofia, as artes e os estudos literários, ganhou contemporaneamente a concorrência das Ciências Humanas na apropriação das narrativas ficcionais como campo empírico de suas investigações. Escolhi apresentá-los por campo, pois alguma estabilidade pode ser observada, são eles a Educação, os Estudos Literários e a Psicologia.

No campo da Educação, como já foi dito anteriormente em outros momentos neste texto, as apropriações de Elias Canetti estão marcadas pela leitura inaugural de Catani (1990-1991) sobre o primeiro volume de sua autobiografia, *A Língua Absoluta* (2010a). Este foi o primeiro artigo a ser publicado sobre nosso autor em um periódico acadêmico brasileiro e por uma professora de uma universidade brasileira (existia uma recepção jornalística, curiosa do Prêmio Nobel de Literatura, de sua reclusão e até sobre seus casamentos¹⁰).

10 Especialmente nos Jornais *O Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo*, na década de 1980 e início dos anos 1990.



Neste texto expõe a autora, à luz dos exemplos canettianos, críticas ao processo formativo e do trabalho do professor, para o qual se exige racionalidade e objetividade, deixando à margem a criatividade, a fruição e a imaginação presentes na atuação de personagens como o professor Witz, sujeito da instabilidade e, por isso, atraente aos olhos do jovem Elias; convoca seus leitores a pensar a multiplicidade de sentidos impressos no tema da formação e a pensar a escola como espaço em que comportamentos se homogeneizam ao mesmo tempo em que abre espaço para a diferença; amplia suas críticas ao universo pedagógico percebendo-o como espaço que exclui o que desconcerta e o que é inesperado:

[...] a pedagogia agarrada à ilusão dos controles justifica-se elaborando o discurso do “museu”: classifica e organiza, isola e dirige o olhar, além de imprimir os folhetos que ensinam a percorrer os conhecimentos selecionados como dignos, destituídos do seu “poder de sedução e inquietação” (CATANI, 1990-1991, p. 26).

E propõe a leitura de *A Língua Absolvida* (2010a) como leitura provocativa aos temas da educação, bem como para o uso de textos não pedagógicos no desenvolvimento dos debates sobre o fenômeno educacional.

Este texto, além de inaugurar a apropriação do autor provocou a abertura dos estudos sobre o autor na Faculdade de Educação USP, como pode relatar Aguiar (2010) sobre as leituras feitas, nesta instituição, do referido autor, nos cursos de licenciatura e de pedagogia e, diretamente, influenciou a escrita de outro texto identificado na categoria AC: *A Língua Absolvida: uma especulação para a formação de professores* (1998), de Marilda da Silva, que informa em nota ser o artigo uma produção para a disciplina *Docência, Memória e Gênero*, oferecida pelo programa de pós-graduação em educação da FEUSP.

O texto de Silva (1998, p. 51), informa a autora, não está dando continuidade ao texto de Denice Catani (1990-1991), mas aproveitando alternativas apresentadas no referido artigo; e discrimina as representações de professor no texto de Canetti (2010a) como proposições questionadoras dos valores impressos em uma cultura didática (em linhas gerais o artigo pouco avança em relação ao de Catani, deixando evidente no excesso de citações e em considerações que pouco se apartam das apresentadas em *Pedagogia e Museificação*, seu caráter pragmático de exercício didático de disciplina de pós-graduação que foi publicado).

Somente 19 anos após a publicação do texto de Denice Catani (1990-1991) é que teremos, em Educação, outra apropriação de Elias Canetti, mais uma vez de *A Língua Absolvida*, oriunda de um debate metodológico do qual emergirá uma reflexão sobre o uso da autobiografia como fonte para o estudo histórico-educacional (OSINSKI, 2011).

No texto de Osinski não aparecem citações de Catani nem das fontes utilizadas por estas na elaboração de seu artigo, há outras filiações teóricas – e mais recentes – que, no entanto, aproximam a autora dos escritos desenvolvidos no campo da pesquisa (Auto)biográfica no país, como Benjamin (1994), Pollak (1992), Frago (1999) dentre outros para o desenvolvimento das discussões sobre narrativa, memória e literatura (OSINSKI, 2011). Este trabalho propõe observar na autobiografia de Canetti seu processo formativo como intelectual no início do século XX e de como estes processos são indissociáveis da vida do sujeito.

Nos três textos não há indicação de que as produções são fruto de estudos mais verticalizados sobre nosso autor, como tese, dissertação ou monografia. Exceto Marilda da Silva (1998) que aponta sua inscrição na produção final para uma disciplina de um curso de pós-graduação. Esta constatação nos informa da precariedade dos, assim



chamarei, estudos canettianos no campo da educação brasileira, que encontraram vazão em produções pontuais nas últimas três décadas, com interregnos de quase dez anos entre suas entradas, o que poderia significar uma falta de interesse no estudo do autor de *Auto-de-Fé*, caso outros campos de conhecimento não se interessassem também pelo complexo emaranhado, misto de memória, romance e ensaios que caracterizam a produção de Elias Canetti.

No campo dos Estudos Literários é preciso ressaltar o trabalho de divulgação do autor perpetrado por Irene Aron (1994a; 1994b; 1995) junto à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). A autora publica no início textos no formato de comunicação durante a Semana de Literatura Alemã, *Auto-de-Fé* (1994b) e *Elias Canetti: testemunho de um sobrevivente* (1995), textos que informam, respectivamente, sobre a importância da leitura do romance e da autobiografia de Canetti, tratam-se mais de textos informativos que de análise, o que não é o caso de *Elias Canetti: um destino judaico* (1994a), publicado pela Revista USP.

Neste artigo (1994a), ela oferece ao leitor importantes questões sobre a recepção canettiana na Alemanha (e nos países de expressão germânica), na Inglaterra e Estados Unidos e no Brasil, reforçando a representação de nosso autor como um personagem da diáspora judaica, exemplo de sujeito cosmopolita e autor de expressão alemã (isso pode parecer estranho de se dizer de um autor de língua alemã, mas Canetti demorou em ser reconhecido como autor de língua alemã justamente por seu trânsito transnacional como exilado¹¹, apesar de identificá-lo como búlgaro,

o fazemos mais por comodidade e por ser o país de seu nascimento, do que por sua nacionalidade final, a de suíço, também, anoto, seria difícil inscrevê-lo como austro-búlgaro-britânico-helvécio, o que seria mais adequado). Identifico neste texto a mesma relevância para o campo das letras que o trabalho de Catani (1990-1991) tem para a educação, ambos são textos fundacionais, porém o impacto dos estudos de Aron (1994) não pode ser percebido através de citações em outros textos.

Há, ainda, no campo dos Estudos Literários, uma tese de doutoramento que faz uso extensivo de dois livros de Canetti, em língua alemã, *Die Gerettete Zunge (A Língua Absolvida)* e *Die Fackel im Ohr (Uma Luz em Meu Ouvido)*, de Luis Sérgio Krausz (2006), que busca nos dois primeiros volumes da autobiografia canettiana, ecos do modo de vida dos judeus alemães no final do século XIX e início do século XX. Canetti é o principal informante do modus operandi da vida vienense da tese de Krausz (2006), no entanto, como a tese se dedica a outro autor, Joseph Roth, as inserções dos livros canettianos citados aparecem como elementos para se melhor compreendê-lo.

No campo da Psicologia aparecem a tese de doutoramento de Waisberg (2008) e a dissertação de mestrado de Salvador (2011). A primeira, por se tratar de um texto estudo sobre Robert Musil, faz uso das autobiografias de Canetti, em especial de *O Jogo dos Olhos*, como fonte de informação sobre Robert Musil, contemporâneo e amigo não muito próximo de Canetti. A dissertação de Salvador (2011) trabalha o texto *Auto-de-fé* de Canetti como metáfora da decadência germânica do período que antecedeu o avanço do nazismo. Ambos os textos aproximam o universo da literatura das Humanidades, percebendo o texto literário mais como campo que recurso de citação.

Os textos identificados sob a categoria *Apropriação de Conteúdo* expõe o caráter interdisciplinar das abordagens empíricas

11 Antes de aprender alemão, já adolescente, Canetti falava ladino, búlgaro, inglês e francês. Escrever pois, em alemão foi, de fato, uma escolha, uma escolha afetiva motivada pela memória da língua secreta, símbolo do amor dos pais, os quais só falavam alemão nos momentos de intimidade e felicidade (CANETTI, 2010a).

dos textos de Elias Canetti, cujos escritos vem funcionando a mais de duas décadas como informante do *zeitgeist* da cultura europeias do período entreguerras, do *fin-de-siècle* e das formas de educação - e formação – dos sujeitos letrados dos círculos da elite intelectual das primeiras décadas do século XX em grandes centros econômicos e políticos da Europa, de leste a oeste, do centro a periferia, as quais circulou ora como migrante ora fugindo das consequências do conflito em o Reich e os Aliados.

De certa forma, também nos diz do quão pouco explorado ainda é o estudo de Canetti no Brasil, o que ainda pode ser aprofundado e diversificado, no sentido de dar ao autor de Massa e Poder a relevância que já possui em outros *locus* de produção acadêmica.

Considerações Finais

Os trabalhos de Elias Canetti encontram muitas e múltiplas formas de manifestação no universo acadêmico brasileiro, entender suas formas de apropriação pode nos ajudar a melhor compreender os processos de circulação e desenvolvimento dos diversos receituários teóricos, representacionais e literários que

nos chegam das mais diversas matrizes conceituais e nacionais, deixando rastros nas áreas das humanidades.

No caso de Canetti é perceber como seus textos ultrapassam a abordagem óbvia que teriam no campo dos Estudos Literários e encontram caminhos e sentidos em outros campos de conhecimento, o que nos diz alguma coisa sobre o caráter não fechado de seus textos e de sua liberdade, mas também da capacidade criativa de nossos pesquisadores, que abordam de forma não ortodoxa a obra canettiana.

Ainda, um levantamento dessa natureza contribui, como exemplo para que pesquisas que tenham nosso autor como objeto de estudo e teórico de fundamentação possam encontrar um ponto de partida, no qual se possa identificar heurística das abordagens de Canetti no país e que o mesmo esforço comece a ser desenvolvido em outros países. Também, assim espero, este trabalho, possa servir de exemplo para que outros processos de apropriação de outros autores venham a ser feitos, contribuindo assim para a melhor compreensão da leitura, recepção, apropriação e – por que não? – influência que determinados escritores, ensaístas e teóricos exercem sobre campos de conhecimento, universidades e professores brasileiros.

Bibliografia

Referências

- Aguiar, Elaine Aparecida. (2010). Escrita, Autoria e Ensino. um diálogo necessário para pensar a constituição do sujeito-autor no contexto escolar. FEUSP, 2010 (Tese de Doutorado). Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-20042010-160955/pt-br.php>. (Acesso em 13 de Abril de 2013).
- Almeida, Paula Christina Corrêa de. (2013). Linguagem, pensamento, escrita e existência – um breve estudo sobre as narrativas animalistas de Franz Kafka. S/D. Disponível em http://www.novomilenio.br/comunicacoes/1/artigo/14_paula.pdf. (Acesso em fevereiro de 2013).

- Ardans-bonifacino, Hector Omar. (1996). Práticas Alternativas. Um estudo exploratório. Mestrado em Psicologia Social. PUC/SP. (Dissertação de Mestrado).
- Ardans-bonifacino, Hector Omar. (2001). Apartamentos sobre a metamorfose humana, um ensaio sobre psicologia social. Doutorado em Psicologia Social. PUC/SP, (Tese).
- Arn, Irene. (1994). Elias Canetti: Auto-de- Fé. Anais da Semana de Literatura Alemã. FFLCH/USP.
- Aro, Irene. (2012). Elias Canetti. Um destino judaico. In: Revista USP, nº 23, 1994a. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/27007/28782>. Acesso em 29/11/2012. (Acesso em novembro de 2012).



- Aron, Irene. (1995). Elias Canetti: testemunho de um sobrevivente. Anais da Semana de Literatura Alemã. FFLCH/USP.
- Augustin, Günter. (2008). Literatura Intercultural. XI Congresso Internacional da ABRALIC. Disponível em: http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/079/GUNTHER_AUGUSTIN.pdf. (Acesso em Abril de 2013).
- Benjamin, Walter. (1994). Obras Escolhidas: magia e técnica, arte e política. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense.
- Bhabha, Homi K. (2010). Nación y Narración: entre la ilusión de una identidad y las diferencias culturales. Tradução de María Gabriela Ubaldini. Buenos Aires: SigloVeintiuno Editores.
- Bravo, María Antonia Bel. (2012). Sefarad. Los judios de España. Madrid: Silex.
- Canetti, Elias. (1980). Die Fackel Im Ohr: lebensgeschichte – 1921-1931. Berlin: Carl Hanser Verlag.
- Canetti, Elias. (1982). Auto-de-Fé. Tradução de Herbert Caro. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- Canetti, Elias. (1987). Vozes de Marrakech. Tradução de Marijane Lisboa. Porto Alegre: L&PM.
- Canetti, Elias. (1998). O Outro Processo: As Cartas de Kafka a Felice. Tradução de Herbert Caro. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo.
- Canetti, Elias. (2000). Canetti – O Teatro Terrível. Tradução de Ruth Röhl. São Paulo: Perspectiva.
- Canetti, Elias. (2008). Apuntes I – Obras Completas VII. Tradução de Juan José Del Solar e Beatriz Galán. Barcelona: Debolsillo.
- Canetti, Elias. (2010^a). A Língua Absolvida: História de uma juventude. Tradução de Kurt Jahn. São Paulo: Companhia de Bolso.
- Canetti, Elias. (2010b). Uma Luz em Meu Ouvido: História de Uma Vida – 1921-1931. Tradução de Kurt Jahn. São Paulo: Companhia de Bolso.
- Canetti, Elias. (2010c). O Jogo dos Olhos: História de Uma Vida – 1931-1937. Tradução de Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia de Bolso.
- Canetti, Elias. (2011). Massa e Poder. Tradução Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras.
- Canetti, Elias. (2013). Arrebatos Verbales: dramas, ensayos, discursos y conversaciones. Barcelona: Debolsillo.
- Catani, Denice Bárbara. (1990-1991). Pedagogia e Museificação. In: Revista USP, nº 8, DEZ/JAN/FEV.
- Catani, Denice Bárbara; CATANI, Afrânio Mendes; PEREIRA, Gilson R. de M. (2001). As Apropriações da obra de Pierre Bourdieu no campo educacional brasileiro, através de periódicos da área. In: Revista Brasileira de Educação, Maio/Jun/Jul/Ago, nº 17, 2001. Disponível em http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE17/RBDE17_07_AFRA-NIO_-_DENICE_E_GILSON.pdf. (Acesso em novembro de 2012).
- Chartier, Roger. (1990). A História Cultural: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Fantin, Maria Célia Martirani Bernardi. (2008). A arte de narrar em Alessandro Baricco: à procura do velho narrador que habita em cada um de nós. FFLCH-USP, 2008 (Dissertação de Mestrado). Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8148/tde-12112009-145928/pt-br.php>. (Acesso em 20 de Novembro de 2012).
- Frago, Antonio Viñao. (1999). Las autobiografias, memorias y diarios como fuente histórico-educativa: tipologias y usos. Sarmiento, número 3, 1999. Disponível em: http://ruc.udc.es/dspace/bitstream/2183/7729/1/SAR_3_art_9.pdf. (Acesso em 29 de junho de 2013).
- Gauland, Armando Pierre. (2007). A Propaganda Política do Islamismo Xiita – Revolução Islâmica do Irã: 1978-1989. ECA/USP, 2007 (Tese de Doutorado). Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-05072009-195115/pt-br.php>. (Acesso em 18 de Maio de 2013).
- Hebel, Johann Peter. (2005). O Almanaque de Johann Peter Hebel. Tradução de Samuel Titan Jr. In: NOVOS ESTUDOS – CEBRAP. Nº 72, São Paulo: Julho de 2005, p. 233-242. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0101-330020050002&lng=en&nrm=iso. (Acesso em Dezembro de 2012).
- Kenig, Evelyne. (1995). Historia de los judios españoles hasta 1492. Barcelona: Paidós Studio.

- Krausz, Luis Sérgio. (2006). Exílio entre o *Shtetl* e o crepúsculo: Joseph Roth e o judaísmo no *fin-de-siècle* austríaco. FFLCH/USP, 2006 (Tese). Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8152/tde-09112007-154121/pt-br.php>. (Acesso em 20 de novembro de 2013).
- Magris, Claudio. (1992). Danúbio. Tradução de Elena Grechi; Jussara de Fátima Mainardes Ribeiro. Rio de Janeiro: Rocco.
- Martins, Lucas dos Reis. (2009). Massa e Humanização: de Canetti a Sloterdijk. IFCH/UNICAMP, 2009. (Dissertação de Mestrado). Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?view=000468855>. (Acesso em 23 de maio de 2013).
- Ojeda, Alberto. (2012). El Canetti **más completo (hasta 2024)**. 2012. Disponível em: [http://www.elcultural.es/noticias/LETRAS/4012/El_Canetti_mas_completo_\(hasta_2024\)](http://www.elcultural.es/noticias/LETRAS/4012/El_Canetti_mas_completo_(hasta_2024)). (Acesso em 01/01/2013).
- Oliveira, Gustavo Junqueira Duarte. (2010). A Multidão Diante do Herói na *Ilíada*. FFLCH/UAP, 2010 (Dissertação de Mestrado). Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-30042010-144203/pt-br.php>. (Acesso em 13 de Abril de 2013).
- Osinski, Dulce Regina Baggio. (2009). A Autobiografia como Fonte de Investigação Histórica para a Educação. Olhar do Professor. Número 12, 2009. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/viewArticle/1561>. (Acesso em 15 de junho de 2013).
- Passos, Marta Reyes Gil. (2009). Povo, Massa e Multidões nos Contratos de Comunicação do Jornal Última Hora. PUC/SP, 2009 (Tese de Doutorado). Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=140414. (Acesso em 23 de maio de 2013).
- Pollak, Michael. (1992). Memória e Identidade Social. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, Vol. 5, nº 10, 1992. Disponível em: http://reviravoltadesign.com/080929_raiaviva/info/wp-gz/wp-content/uploads/2006/12/memoria_e_identidade_social.pdf. (Acesso em 25 de julho de 2013).
- Raoni, Gerson Luiz. (2008). Ficções da Identidade Judaica. XI Congresso Internacional da ABRALIC. 2008. Disponível em: http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/018/GERSON_ROANI.pdf. (Acesso em 13 de Abril de 2013).
- Ribeiro, Iara Pereira. (2000). Aspectos da Relação de Poder no Ato Processual do Interrogatório do Acusado. Mestrado em Direito. PUC/SP, (Dissertação de Mestrado).
- Ricoeur, Paul. (2011): Teoria da Interpretação. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70.
- Rocha, Vivian Munhoz. (2010). Aprender Pela Arte a Arte de Narrar: educação estética e artística na formação de contadores de história. ECA/USP. 2010 (Tese de Doutorado). Disponível em: http://www.pos.eca.usp.br/sites/default/files/File/dissertacoes/2010/2010-do-rocha_vivian.pdf. (Acesso em 05 de Abril de 2013).
- Said, Edward W. (1990). Orientalismo. Barcelona: Ibn Jaldun Libertárias.
- Salvador, Fabiano Massaro. (2011). Cultura e Desrazão: uma história de Auto-de-fé de Elias Canetti. 2011 [Dissertação de mestrado]. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/>. (Acesso em Dezembro de 2012).
- Santana, Maurício Dias. (2008). Tempo, Narração e Descrição nos Microcosmos de Cláudio Magris. Anais do XI Congresso da ABRALIC, 2008. Disponível em http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/004/MAURICIO_DIAS.pdf. (Acesso em abril de 2013).
- Silva, Marilda da. (1998). A Língua Absolvida: uma especulação para a formação de professores. Nuances, Volume IV, Setembro de 1998. Disponível em <http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view-File/72/77>. (Acesso em 05 de Dezembro de 2012).
- The economist. (1982). Never In Britain Says a Nobel Prize Winner. 31 de março de 1982.
- Waisberg, Maria Tereza. (2008). O que me tornei para mim mesmo? O Homem sem qualidades e o Caráter Predatório da Modernidade. 2008 [Tese de doutorado] Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-26082009-092643/pt-br.php>. (Acesso em 19 de Maio de 2014).